

## TERRITORIALIDADE FESTIVA – O ESPAÇO MARUJO TRACUATEUENSE

### FESTIVE TERRITORIALITY – THE TRACUATEUENSE MARUJO SPACE



HYGO DA SILVA PALHETA<sup>35</sup>

#### Resumo

Em Tracuateua, a festividade de São Benedito e São Sebastião, acontece entre os dias 18 e 21 de janeiro. Neste período, a festa acontece nas ruas da cidade, em espaços distintos durante sua trajetória. O presente artigo possui o objetivo de refletir, em âmbito social, sobre o território e as territorialidades festivas da celebração da Marujada. O referencial teórico e metodológico está assentado em documentos, artigos e livros referentes a Festa tracuateuense, estudos relacionados à territorialidade, e também dados empíricos coletados em campo. A festividade religiosa e cultural faz devoção aos Santos, São Sebastião e São Benedito, e está presente no calendário municipal desde a época em que Tracuateua ainda era uma vila do município de Bragança. As ruas, a igreja e o Salão da Marujada (Barracão) comportam a festança em seus dias de exercícios sagrados e culturais.

**Palavras-chave:** Territorialidade; festa; marujada.

#### Abstract

In Tracuateua, the celebration for Two Saints takes place between the 18th and 21st of January. In this period, the party takes place on the city streets, in different spaces during its trajectory. This article aims to reflect, in the social sphere, in relation to the territory and as territorialidades festivas da celebração da Marujada. The theoretical and methodological framework consists of documents, articles and books related to the Tracuateuense Festival, studies related to territoriality, and also empirical data collected in the field. The religious and cultural festivity makes devotion to the Saints, Saint Sebastian and Saint Benedict, and is present in the municipal calendar since the time when Tracuateua was a village in the city of Bragança. The streets, the church and the Hall da Marujada (Shed) behave the party in your days of sacred and cultural exercises.

**Keywords:** Territoriality; Party; Marujada.

#### Introdução

Tracuateua é um município paraense localizado no nordeste do estado e que por muitos anos pertenceu a Bragança. O município está localizado a aproximadamente 190 quilômetros da capital Belém. Tornou-se efetivamente um município em 1996, dois anos após ser desmembrado da cidade bragantina, segundo o IBGE. Pinheiro (2017)

<sup>35</sup> Graduado em Turismo pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidades. E-mail: [palhetahygo@gmail.com](mailto:palhetahygo@gmail.com).



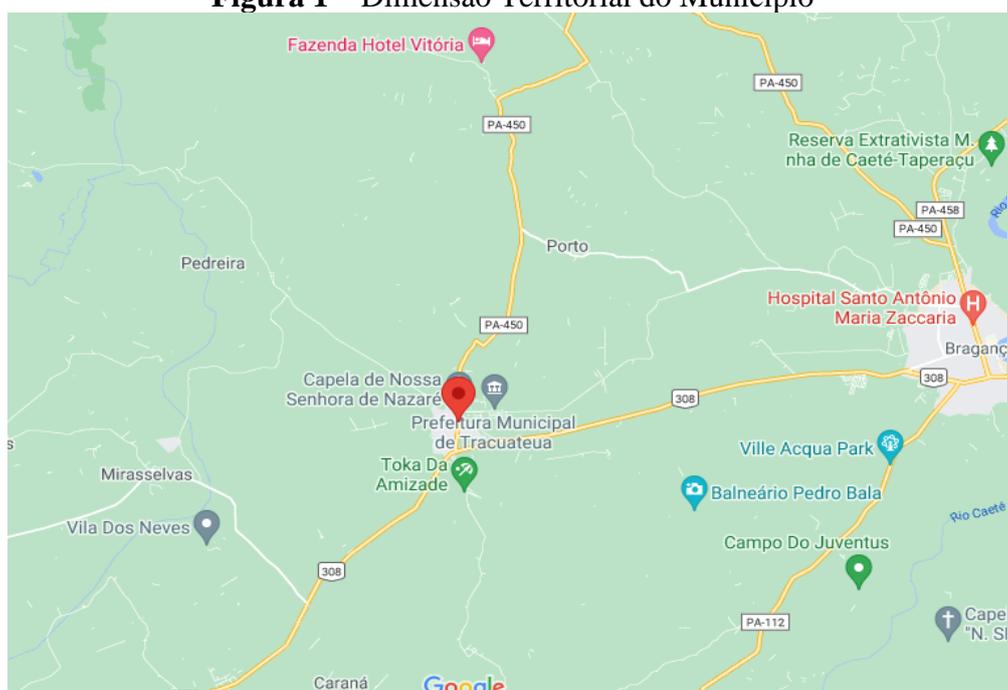
ressalta a importância da estrada de ferro, que interligava Belém a Bragança, na construção histórica do lugar em seus aspectos políticos, econômicos e socioculturais.

O nome da cidade está relacionado a uma espécie de formiga chamada de “tracuá”. Segundo Barbosa et al. (2010, p. 10), “O nome foi dado pelos trabalhadores que abriam caminhos para a ferrovia devido às infinitudes de formigas grandes e pretas conhecidas como Tracuás, existentes às margens do rio que banha o município.” Uniu-se então dois termos, TRACUA + TEUA (PINHEIRO, 2017), formando o nome TRACUATEUA.

Atualmente o município subdivide-se em algumas localidades, entre elas estão: Vila Fátima, Arraial do São João, Vila Socorro, Santa Maria, Santa Teresa, Cajueiro do Tatu, Colônia das Neves, Cajueiro de Boa Esperança, Cocal, Açaiteua, Caraná, Tracuateuzinho, Icarau e Flexeira (FERREIRA, 2003). A parte central do município, a área relativamente mais urbanizada e onde concentram-se atividades comerciais, não apresenta grande extensão territorial.

Conforme a Figura 1, a grande extensão territorial do município comporta as localidades citadas no parágrafo anterior. Elas não aparecem descritivamente no mapa, mas localizam-se nos limites do município e percurso das rodovias (BR e PA). Pode ser observado o centro tracuateuense onde está inserida a Capela de Nossa Senhora de Nazaré e a Prefeitura Municipal de Tracuateua.

**Figura 1 – Dimensão Territorial do Município**



Fonte: Google Maps, 2021.





O último censo realizado em Tracuateua, no ano de 2010, apontou a quantidade populacional de 27.455 habitantes e o índice de desenvolvimento humano (IDH) de 0,531. A agricultura familiar predomina como base econômica local (MODESTO JUNIOR; ALVES; SILVA, 2011).

A cidade apresenta um calendário anual festivo. Entre os principais festejos presentes no município estão: o Carnaval, Círio de Nossa Senhora de Nazaré e a Festividade de São Benedito e São Sebastião. O carnaval acontece em fevereiro e/ou março, conforme o período festivo anual. O Círio ocorre no mês de agosto e a festa para os Dois Santos no mês de janeiro. Com a advento da pandemia do COVID-19, nos anos de 2020 e 2021, as festas não aconteceram por medidas sanitárias de combate ao vírus. Em 2022 a festa aconteceu apenas em seus aspectos religiosos, sem danças no Barracão.

O presente estudo abordará uma das festas presentes na vida no município de Tracuateua, a Marujada. E, neste estudo, objetiva-se: fazer uma reflexão sociocultural territorial da festividade dos dois Santos, bem como a territorialidade que configura em torno da festividade religiosa. É sabido que essa festa é realizada no núcleo urbano e central do território municipal: nas ruas, na praça, na igreja e no Salão da Marujada, também conhecido como “Barracão”.

O referencial teórico-metodológico da pesquisa está pautado em análise bibliográfica de artigos, livros, documentos e sites de pesquisa na internet. Notas de campo e dados foram coletados em entrevistas feitas durante uma pesquisa de campo realizada no município, em 2018. As entrevistas foram direcionadas a pessoas que fazem parte da Associação da Marujada de São Sebastião e São Benedito de Tracuateua (AMSSSB), irmandade responsável pelo planejamento e manutenção da celebração.

Para discutir melhor assuntos referentes a Território e Territorialidade, a pesquisa amparou-se em teóricos como: Rosendahl (2005), Haesbaert (2003) e Teixeira (2008). O espaço ganha noção de território a partir das manifestações presentes nele. A territorialidade expressa o grupo dominante, as relações de poder e o sentido simbólico atuante.

Nessa perspectiva será estudado o grupo da marujada, o qual promove a festa, o exercício da vida em atos festivos no município. Para Teixeira (2008, p. 5):

A consciência territorial, ou territorialidade, é que mantém nos grupos a perspectiva de se viver em um território, perspectiva esta fundada em uma necessidade essencial de promover o exercício da vida através das trocas simbólicas e materiais que caracterizam um grupo cultural (TEIXEIRA, 2008, p. 5).



A territorialidade sendo expressa em ordem e manutenção de um grupo hierarquizado na parcela do espaço onde existe a prática conjunta, torna válido o aprofundamento no que tange as relações sociais festivas.

Nas discussões pertinentes à cidade da festa, dados do IBGE foram utilizados para a descrição de informações precisas sobre o município estudado. Muitas informações foram extraídas do livro de Antônio Jorge Pinheiro, “Síntese Histórica de Tracuateua” (2017), obra fundamental para a pesquisa. Artigos de autores como: Silva, Modesto Júnior e Alves (2011), e Barbosa, Santos e Santana (2010) deram apoio nessa perspectiva. Imagens de mapas da cidade foram utilizadas para a melhor compreensão do espaço.

A manifestação religiosa da Marujada, em Tracuateua, compreende a maneira de viver um tempo de festa no município e exercer a fé por parte dos cidadãos e visitantes. Em quatro dias de devoção, danças, rezas e outras ações compõem o período da festividade. Durante essa trajetória, espaços são ocupados, decorados e se tornam o percurso de cortejos e procissões. A irmandade do festejo é responsável pela elaboração e coordenação de tudo o que condiz com esse tempo.

### **A construção do território e a territorialização religiosa**

Na perspectiva desse estudo, o território em questão é o município de Tracuateua. Município que passou por diversos processos ao longo da sua história para tornar-se o que é hoje. A construção da estrada proporcionou o contato de novas pessoas, mercadorias, culturas e outras influências para a localidade.

Com a construção da Estrada de Ferro, novas famílias passaram a ocupar a região e conseqüentemente novos saberes foram introduzidos nessas terras. Pinheiro (2017), divide por períodos a história da cidade: Pré-Ferrovário (1700 a 1908), Ferrovário (1908 a 1965), Pós-Ferrovário (1995 a 1996) e Municipal (1997 aos dias atuais). É perceptível o longo processo que o atual município passou para alcançar a sua emancipação. As relações atuais são parte de uma herança trazida dos tempos ferroviários.

A religiosidade local também compõe essa herança do período férreo. Segundo Pinheiro:

Quando Antônio e Família moravam na cidade do Rio de Janeiro, que era a capital do Brasil. Festejavam o patrono da cidade fundada por Estácio de Sá. Ao chegarem aqui, acharam por bem festejar o Santo no seu dia. O dia 20 de



janeiro é considerado o dia da fundação da vila de Tracuateua, onde até hoje é festejado por todos os católicos deste lugar (PINHEIRO, 2017, p. 37).

A religiosa é citada nesse momento do trabalho por estar relacionada com a cultura da festa a qual, anos depois, surgiu no lugar. A devoção para o patrono da cidade carioca, São Sebastião, está presente desde os primórdios do processo construtivo local em rezas e festas em decorrência das ferrovias. O dia 20 de janeiro é feriado no município.

E dessa maneira o território começa a ser definido. Raffestin (1993) entende a dimensão territorial a partir da população, sua dimensão, e as possibilidades de crescimento relacionadas à taxa de reprodução. Além da significativa taxa de densidade demográfica, após as ocupações do período ferroviário, o espaço passou a ser habitado por elementos culturais. Teixeira (2008) entende o território como um espaço vivo e de trocas simbólicas fundamentais para formação identitária do grupo nele presente.

Indo além dos significados mais concretos, numéricos e material do espaço, é importante reconhecer as trocas simbólicas, saberes e representações que fundamentam as relações sociais. Haesbaert (2003) entende o território em 3 perspectivas – jurídico-política, cultural e econômica, para efeito da pesquisa, segundo o autor, a vertente cultural prioriza o intangível, o simbolismo manifestado pelo grupo.

Soares Júnior e Santos (2018), coadunam com Haesbaert (2003) ao dissertarem que:

O território é, portanto, sistema físico e também sêmico (uma vez que comunicado pela linguagem e por símbolos), que permeia as relações entre as pessoas e o espaço, contribuindo para a definição dessas relações e também sendo definido por elas. Em um processo que é eminentemente relacional, o território se constitui na esfera de ação no qual, indivíduos e grupos exercem sua territorialidade, isto é, buscam influenciar, ou mesmo controlar, pessoas, fenômenos e relações (SOARES JÚNIOR e SANTOS, 2018, p. 10)

E ao falar de território e dos grupos que configuram esse lugar, torna-se importante discutir a territorialidade nesse processo. “[...] as pessoas são incapazes de construir suas identidades independentemente dos suportes localizados no espaço.” (CLAVAL, 2001, p.66). Além dos recursos utilizados, as relações de poder estão presente nas práticas desenvolvidas pelos grupos, e elas fundamenta a territorialidade.

No âmbito simbólico, o grupo se expressa a partir das perspectivas culturais enraizadas no território, das influências trazidas no processo de construção. O que é o produto dessa relação grupo e território? O folclore, a dança, o cotidiano, o artesanato, ou qualquer outro modo de expressão conjunta. A territorialidade mostra que a vida social não é neutra (SACK, 1986).



Em Tracuateua, a influência portuguesa e carioca levou a cidade a cultura da devoção a São Sebastião. E a irmandade religiosa de Bragança apresentou aos moradores tracuateuenses a festa da Marujada. “Torna-se importante interpretar o fenômeno religioso e suas interações com o homem e o território a partir de dois focos de análise: o sagrado e o profano” (ROSENDAHL, 2005, p. 12929). A presença dos Santos, da dança e da reza, proporcionou o surgimento do grupo da Marujada.

O atual grupo da festa, a Associação de São Sebastião e São Benedito de Tracuateua (AMSSSBT), é coordenado por uma diretoria de pessoas responsáveis pela organização e manutenção cultural da celebração. A festa é realizada em função de devoção para os Santos Padroeiros, é uma irmandade também arremetida à assistência e amparo social, em fundamentações culturais, solidárias e recreativas (PINHEIRO, 2017). Apesar da população chamar carinhosamente os Dois Santos de “Santos Padroeiros”, apenas São Sebastião é o padroeiro de Tracuateua.

O AMSSSBT está à frente de todos os outros atores sociais no momento da festa, a instituição é responsável por ditar regras e exigir que elas sejam cumpridas. “[...] a tentativa de um indivíduo ou grupo de afetar, influenciar, ou controlar pessoas, fenômenos, e relações, delimitando e afirmando o controle sobre uma área geográfica” (SACK, 1986, p. 19).” De forma a acrescentar o que Sack defende, o grupo tende a controlar devido a necessidade de manter os saberes ao longo de gerações.

Existem muitas influências externas, a cultura é dinâmica, moldada ao seu tempo, mas o controle é necessário para que a essência não se perca. Teixeira (2008) salienta que:

Em um mundo fragilizado pela descontinuidade das relações e pela determinação homogeneizante de uma dada cultura global propagada pelos sistemas midiáticos, é certo que os valores, as crenças, as representações simbólicas, bem como as práticas que conferem sentido aos grupos nos lugares em que vivem, ficam igualmente ameaçadas em sua continuidade. (TEIXEIRA, 2008, p. 4)

A prudência do grupo se remete aos saberes tradicionais e as formas de celebração.

Apesar de ser ou parecer algo desgastante por parte de grupos dominantes em relação aos dominados, essas relações são necessárias, sem elas não existe a territorialidade. “[...] territorialidade aponta para o fato de que as relações humanas no espaço não são neutras” (SACK, 1986, p. 26). As diferenças estão presentes conforme as etnias, crenças e demais modos. A cultura de um grupo possui suas adversidades e reafirmações identitárias em relação ao local de manifestação:



[...] o território apela para tudo aquilo que no homem se furta ao discurso científico e se aproxima do irracional: ele é vivido, é afetividade, subjetividade e muitas vezes o nó de uma religiosidade terrestre, pagã ou deísta. Enquanto o espaço tende à uniformidade e ao nivelamento, o território lembra as ideias de diferença, de etnia e de identidade cultural [...]. (BONNEMAISON, 2002, p. 126).

São as diferenças entre as crenças, sejam elas políticas, religiosas ou de outro cunho, que comportam a ideia do território. O grupo da marujada iniciou o processo de construção da festa de forma tímida, com poucos participantes, e aos poucos ganhou expressividade entre pessoas cristãs que dedicam parte da vida para rezar, agradecer e homenagear os Santos Padroeiros do festejo.

De acordo com Teixeira (2008), as congregações religiosas sempre existirão, por mais que elas sofram ingerências “desenraizadoras” ao longo do seu percurso identitário, como as migrações e diásporas. Essas associações persistem em seus atos de devoção pelo sentir-se e pertencer-se ao território, em casa, e poder praticar trocas simbólicas e materiais corroborando ao exercício da vida.

A festividade dos dois Santos em Tracuateua ocupa um lugar que aos poucos começou a ser povoado por outras pessoas e conseqüentemente novas culturas (no Período Ferroviário. Sack (1986, p. 34) reforça que “[...] novos eventos precisam ser produzidos por territórios novos e vazios. A territorialidade tende a ser uma preenchedora de espaço.” Essa territorialidade, conforme Bonnemaision (2002), constitui o sistema espacial que é culturalmente vivido por um grupo hierarquizado.

Na territorialidade festiva, a hierarquia se estabelece assim como a vontade de festejar expressa em: “[...] sentimentos de alegria, de prazer e dos afetos que resultam do encontro com os amigos e parentes que a vida dispersou e distanciou uns dos outros.” (TEIXEIRA, 2008). A celebração comporta a ruptura do cotidiano, o lazer, o reencontro com o outro e a chegada de um período que há tempos vem sendo esperado por quem participa.

### **Cartografia maruja**

Na presente seção do trabalho será discutida a cartografia do espaço festivo da marujada de Tracuateua de uma forma dessemelhante ao uso, apenas, de mapas. Sabe-se que nos mapeamentos são considerados diversos fatores físicos e simbólicos relevantes para a sua materialização. Para efeito desta pesquisa, serão relevantes os elementos



religiosos e culturais da festa tracuateuense para o delineamento de uma cartografia social pautada em saberes e celebrações locais.

Na diversidade dos saberes existentes, Mbembe (2017), as identifica em dois tipos: biológica e cultural. A cultural refere-se a comunidades que atravessam longos períodos mantendo uma tradição em um só lugar. Segundo Teixeira:

Neste contexto restará aos grupos sociais - sejam estes culturais, excluídos, ou identitários - resistir e na medida do possível se apropriar de uma dada profundidade espacial para constituírem seus territórios e, quiçá, criar em torno de si uma área de segurança propícia as suas relações cotidianas, afetivas e espirituais (TEIXEIRA, 2008, p. 3).

Essas “comunidades”, enfrentam influências externas, provocadas e intensificadas pela globalização, afirmando seus saberes na resistência.

E nesse contexto está presente a irmandade da Marujada pertencente ao município de Tracuateua mantendo a festa em sua configuração atual desde 1947. A festividade da Marujada, em grande parte do seu tempo, acontece no centro do município de Tracuateua, próximo a Igreja Matriz de São Sebastião da cidade, entre a Rua Levindo Reis e a Avenida Bragança. No perímetro anteriormente citado está localizada a Praça, a Igreja e o Salão da Marujada, conhecido como “Barracão”. As ruas da cidade são partes dos festejos durante os cortejos e procissões.

No dia do Padroeiro de Tracuateua (20 de janeiro - Dia de São Benedito), feriado municipal, ocorre a tradicional procissão dos Santos. A procissão consiste em um desfile dos marujos e marujas trajados com suas vestimentas da festa pelas ruas da cidade. A procissão é conduzida pelo padre da paróquia, que permanece em cima de um carro de som rezando e entoando cânticos religiosos junto com algumas mulheres pertencentes ao coral da igreja.

As imagens dos Santos ficam localizadas à frente da procissão em um carro isolado. Um arco de rosas fica acima dos Santos, e um grande arranjo fica localizado em seus pés. Após a chegada de todos os participantes, a procissão tem o seu início indo em direção ao cemitério, localizado próximo à praça, homenageando todos aqueles que já partiram e de alguma forma continuam vivos na memória dos seus familiares em vida.

O percurso da procissão realiza-se na seguinte sequência de ruas: Avenida Bragança, Avenida Nazaré, Travessa do Sossego, Avenida Hamilton João Pinheiro, Rua Santa Maria, Avenida Levindo Reis e Avenida São Sebastião. O cortejo é um importante momento de devoção para os devotos dos Santos. “A fé católica no contexto político-religioso é o ponto de partida para o entendimento do território brasileiro”



(ROSENDAHL, 2005, p. 12928). O contexto da celebração para santidades representa bem o *manifestar* do Brasil e da Amazônia.

Vale ressaltar que o estudo aborda o território festivo em suas danças e rezas entre os dias 18 e 21 de janeiro. Podem existir outros espaços e outros acontecimentos relacionados à marujada em outros períodos, o que não condiz com esta pesquisa, construída através de dados documentais e empíricos.

A festa acontece em outros municípios do estado, além de Bragança e Tracuateua, como: Augusto Correa, Primavera e Quatipuru (AMORIM, 2008). O festejo popular exige de seus e suas participantes roupas específicas obrigatórias a serem usadas por quem deseja participar. Pinheiro (2017) ao falar da festa caracteriza a vestimenta masculina como um uniforme de gala composto por camisa, calça e chapéu com fita e flor.

A praça, localizada em frente à igreja matriz municipal, além de ser o espaço de encontros diários da população, é o local de reunião de quem participa da festa cristã.

O exercício do poder religioso ocorre na vivência da fé. Cada comunidade religiosa se estabelece no mundo sagrado onde participa da memória histórica no tempo e no espaço. Dessa forma, a manutenção do lugar sagrado favorece a noção de que a comunidade partilha uma identidade comum, um sentimento de integração e de comunidade religiosa (ROSENDAHL, 2008, p. 12932).

É na praça que está a igreja onde são celebradas as missas da festividade e onde são fincados os mastros dos Santos que carregam donativos ofertados pelos juízes do festejo.

**Imagem 1 - Praça.**



**Fonte:** Pesquisa de campo, 2018.

Na Imagem 1, observa-se a frente da praça. Ao fundo dela está a Igreja Matriz de São Sebastião. No centro da imagem pode ser notado um muro baixo pintado de



branco com gramado baixo em seu centro (ao lado das árvores maiores da foto). É neste gramado central que são fincados os mastros dos Santos no primeiro dia da festividade (OLIVEIRA, 2012).

Durante os dias, todos que participam das missas, prestigiam a manifestação ou dançam a marujada precisam passar pela praça. Ela não é o núcleo da festividade, mas pode ser entendida por onde a festa é iniciada (levantamento dos mastros) e encerrada (o derrubamento dos mastros). As missas são rezadas na igreja todos os dias, representando a abertura ou término diário da festança.

As ruas também conformam o território da celebração. Nas ruas é realizada a tradicional procissão que ocorre no feriado do dia 20 de janeiro (dia do Padroeiro da cidade). “Marujos e marujas saem pela cidade descalços e acompanhados pelo grupo do coral da igreja e leigos que ministram os cânticos e as orações na referida procissão” (OLIVEIRA, 2012, p. 6). Este ato acontece à tarde por volta das dezesseis horas.

Outro momento pertinente à festa nas ruas são os cortejos dos juízes. Anualmente são escolhidos dois casais de juízes (um casal para cada Santo). No início do dia 19 de janeiro, os marujos buscam cada juiz de São Benedito em suas casas para fazer o cortejo até a igreja. E no dia 20, a irmandade fará o cortejo dos juízes de São Sebastião de suas casas até a missa. Sobre os juízes:

Os mesmos se inscrevem querendo homenagear ou pagar promessa para São Benedito. Além do almoço ou da janta que cada juiz vai doar, também ficam responsáveis financeiramente de fazer a decoração do salão e decoração do mastro do santo específico no qual ele escolheu pagar a promessa (OLIVEIRA, 2012, p. 5).

Neste momento do trabalho de Oliveira, a autora disserta sobre os juízes de São Benedito, mas na festa os juízes possuem as mesmas funções de acordo com os Santos que almejam realizar devoção.

E ao lado da igreja e da praça, está localizado o Salão da Marujada. Popularmente conhecido pelos cidadãos como “Barracão”. Nesse espaço é onde acontece a maior parte da festa. Marujos e Marujas ficam por horas dançando os ritmos da festa no interior do salão e também fazem as suas refeições. Pelos arredores desse ambiente existe uma arquibancada para quem deseja acompanhar as danças.

Ao referir-se aos participantes da festa depois da missa, Oliveira (2021, p. 6) relata que: “Todos se dirigem ao barracão para continuar a dançar músicas como o retumbão, chorado, mazurca, valsa, xote e samba.” A festa de Tracuateua em sua maior parte do tempo é dançada. As danças são interrompidas apenas em momentos de reza,



agradecimento, procissão e alimentação. Os bailados característicos da manifestação são executados no interior do espaço até à noite, por volta das vinte e duas horas.

**Imagem 2 - Salão da Marujada.**



**Fonte:** Pesquisa de Campo, 2018.

Na Imagem 2 está presente o Salão da Marujada, localizado ao lado da praça, à direita em relação a Imagem 1. Ao lado superior esquerdo do letreiro central está a imagem de São Sebastião, e ao lado direito está a pintura de São Benedito. Embaixo de São Sebastião está presente a arquibancada lateral na cor azul. E abaixo de São Benedito, a arquibancada está pintada de vermelho. Em Tracuateua, o azul representa o dia do padroeiro, São Sebastião, e o vermelho representa o “Santo Preto”, São Benedito.

### **Considerações finais**

O espaço festivo, mesmo fora do período que acontece a realização da manifestação da Marujada, consegue expressar muitas informações sobre a festa. Em Tracuateua, as cores, as imagens dos Santos e o Barracão com a imagem dos Santos estão visíveis para todos que passam pela praça principal do núcleo urbano tracuateuense. Os buracos no centro da praça onde todos os anos são fincados os mastros também ficam abertos e visíveis por todos que frequentam a praça.

A festa que inicialmente foi dançada por doze pessoas, seis pares de marujos em 1921 (PINHEIRO, 2017), a partir de 1947 consolidou o seu anseio de celebrar assim como o seu formato festivo ocupando o espaço e a vida no município. A festa, apesar de acontecer entre os dias 18 e 21 de janeiro, começa a ser vivida antes do seu período com ensaios e reuniões promovidas pela Associação da Marujada.





As reuniões são fundamentais para a realização do acontecimento anual. Para além de um simples festejo, Ferretti (2007, p. 2) salienta que a festa: “Constitui oportunidade para expressar a capacidade de organização, a criatividade popular, a devoção, o lazer e para se constatar o sincretismo religioso”. Isso explica a grande participação por parte dos moradores na festividade, as diversas formas de expressão como a dança e a reza atraem pessoas de diferentes idades e crenças cristãs.

O espaço na festa foge do costume, a rotina é quebrada e o território se reinventa de forma criativa, mais colorida e única. Única porque só acontece uma vez por ano. Ao romper o padrão diário do viver, é criado um momento alternativo e prazeroso para se estar imerso (DUVIGNAUD, 1983). E por ser um momento singular temporário e espacial, atrai e promove a atenção e participação dos seus diversos participantes (marujos e leigos que vão às ruas para dançar, rezar e/ou prestigiar).

Por fim, é importante salientar que a festa é permeada em sentidos de territorialidade. Existem as relações de poder que coadunam para a manutenção dos saberes, práticas e celebrações. Há rigidez por parte da diretoria em relação às normas tradicionais que devem ser seguidas. As vestimentas devem ser usadas adequadamente por todos que queiram participar, os horários devem ser cumpridos e todos os cerimoniais devem acontecer conforme são realizados todos os anos. Dessa forma, a Festa de Dois Santos está presente no espaço e vida tracuateuense.

**Data de Submissão:** 12/09/2022

**Data de Aceite:** 01/12/2022

### Referências

AMORIM, Ane Karine Jansen. **Um fogo que se deita no mar: um estudo sobre a marujada do município de Quatipuru/PA**. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. *In:* CORRÊA, R. L.; ROSENDHAL, Z. (org.). **Geografia cultural: um século**. Rio de Janeiro: EDUERJ, v. 3, p. 83-132, 2002.

BARBOSA, Meirivan da Silva; SANTOS, Marcos Antônio Souza dos; SANTANA, Antônio Cordeiro de. Análise socioeconômica e tecnológica da produção de feijão-caupi no município de Tracuateua, nordeste paraense. **Amazônia: Ci. & Desenv.**, Belém, v. 5, n. 10, jan./jun. 2010.

CLAVAL, P. O papel da nova geografia cultura na compreensão da ação humana. *In:* ROSENDHAL, Z.; CORRÊA, R. L. (org.). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 35-86.



DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Tradução de L. F. Raposo Fontenelle. Fortaleza: UFC / Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

FERREIRA, J. C. V. **O Pará e seus municípios**. Belém: J. C. V. Ferreira, 2003.

FERRETTI, Sergio. **Religião e festas populares**. Trabalho apresentado no evento XIV Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina. Buenos Aires, 2007. Disponível em: <https://www.gpmina.ufma.br/arquivos/Religiao%20e%20Festas%20Populares.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2022.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 11-24, jan. 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38739>. Acesso em: 06 dez. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE Cidades @**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/tracuateua/panorama>. Acesso em: 23 nov. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE Histórico de Tracuateua**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/tracuateua/historico>. Acesso em: 23 nov. 2021.

MBEMBE, A. Descolonização radical e festa da imaginação. A relação de cuidado. In: MBEMBE, A. **Políticas da Inimizade**. tradução Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017. p. 185-193.

MODESTO JUNIOR, M. S.; ALVES, R. N. B.; SILVA, E. S. A. Produtividade de mandioca cultivada por agricultores familiares na região dos lagos, município de Tracuateua, estado do Pará. **Amazônia: Ci. & Desenv.**, Belém, v. 6, n. 12, jan./jun. 2011.

OLIVEIRA, Ilka. **Marujada de Tracuateua – Notas sobre as heranças africanas na Amazônia**. 2012.

PINHEIRO, Antônio Jorge. **Síntese histórica de Tracuateua**. Belém: Ed. do autor, 2017.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática. 1993.

ROSEDAHL, Zeny. Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., 2005. **Anais** [...]. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SACK, R.D. **Human Territoriality. Its Theory and History**. Cambridge, Cambridge University Press. 1986.

SOARES JÚNIOR, Amilton Quintela; SANTOS, Mauro Augusto. A territorialidade e o território na obra de Robert David Sack. **Geografia**, Londrina, v. 27, n. 1, p. 7-25, abr. 2018. Disponível em:

TEIXEIRA, Ivan Manoel Ribeiro. Os Fazedores de Territórios: migração e ruralidades no contexto urbano. **REDD - Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, Araraquara, v. 1, n. 1, jul./dez. 2008.

